

# ENRAIZAMENTO NA COMUNIDADE DE SARANDIRA: REFLEXÕES SOBRE UM PROCESSO<sup>1</sup>

Camila Camila Ferreira Vieira de Rezende<sup>2</sup>

Fernanda Zeloschi

Julia Nogueira de Oliveira Freitas

Larissa Costa Braz

Marcela Almeida Faria

Roberta de Castro Moreira

Sarah Rocha dos Santos

Taynara Maria Batista

Thamara Barbosa Teixeira Dias

Vinicius Farage Silva

Andressa Camila Lenz Sott<sup>3</sup>

Conrado Pável de Oliveira<sup>4</sup>

## RESUMO:

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o processo de intervenções psicossociais na comunidade de Sarandira, Juiz de Fora-MG realizados ao longo de 2021, na ocasião de retomadas de atividades presenciais na comunidade. Trata-se de um relato de experiências com reflexões em torno das temáticas saúde comunitária, patrimônio imaterial, trabalho, mediadas pela categoria psicossocial enraizamento e vivências comunitárias em torno da mina de água, importante referência da comunidade.

Palavras-chave: Psicologia Comunitária. Enraizamento. Saúde Comunitária. Trabalho. Identidade.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)

<sup>4</sup> Mestre em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Comunitária, enquanto campo de saberes e práticas da psicologia, traz à tona a possibilidade de atuação junto aos povos rurais e tradicionais com o objetivo de articular conhecimentos e fazeres que foram e são marginalizados pela ideologia dominante. Nesse sentido, toma-se como tarefa a (re)construção da memória histórica das maiorias populares, fortalecendo identidades, afetividades e a dimensão da participação política rumo ao processo de organização para emancipação humana (MARTÍN-BARÓ, 2011).

O trabalho que se segue é fruto do projeto de extensão Psicologia Comunitária, Ruralidades, Identidade e Memória em Sarandira, realizado pelo Centro Universitário Academia no município de Juiz de Fora, Zona da Mata Mineira. A iniciativa surgiu através de um estágio curricular em Psicologia Comunitária no ano de 2019 e, desde 2020, a ação em Sarandira ganhou corpo por meio do referido projeto de extensão. Através destas ações, nos propomos a compreender e fomentar a construção da memória histórica junto à população do distrito, a fim de fortalecer o enraizamento e pertencimento da comunidade. Com isso, podemos contribuir para organização e ampliação das ferramentas de enfrentamento às contradições da realidade e das possibilidades de transformação a partir do que está posto no cotidiano enquanto necessidade e demanda (SARRIERA, 2014).

No ano de 2020 as ações de fortalecimento dos vínculos na comunidade foram realizadas de maneira remota, tendo em vista as condições sanitárias desencadeadas pela pandemia da COVID-19. A necessidade de manter as medidas de segurança para minimizar a transmissão do novo coronavírus nos impôs o desafio da criação e reinvenção de metodologias de intervenção remotas e alternativas no intuito de manter a mobilização em torno dos temas da memória, afetividade e identidade (Oliveira et al, 2020). Uma das ferramentas utilizadas para este fim foi o Mural de Memórias Afetivas de Sarandira<sup>5</sup>, criado através de uma plataforma virtual e interativa na qual podem ser postadas fotos, vídeos e textos sobre memórias ligadas à Sarandira. O Mural incentivou o compartilhamento de relatos e vivências que se deram nesse

---

<sup>5</sup> <https://padlet.com/AndressacLs/2kg9ebv89jhlf15>

espaço comum, por meio dos quais se recupera, também, parte da história de Sarandira e da região de forma compartilhada. Entretanto, tendo em vista as limitações de acesso à plataforma por parte da comunidade, devido à falta de internet ou inabilidade em operá-la, recorreremos também ao envio de cartas e objetos afetivos. Fotografias, mudas de plantas, desenhos e escritos chegaram aos moradores por meio da técnica em enfermagem que atua na Unidade Básica de Saúde (UBS) de Sarandira. O contrário também se deu, recebemos, com muita alegria, pela mão da profissional de saúde, algumas cartas e objetos afetivos. Com isso, buscamos manter aquecidos os vínculos já estabelecidos e, assim, prepararmos o retorno das atividades presenciais quando possível.

Com o retorno presencial à comunidade, neste ano, pudemos perceber a importância da manutenção de tais atividades remotas durante o período mais crítico da pandemia. Na contramão do abandono oportunista, conhecido de muitas comunidades que recebem pesquisas e projetos passageiros, observamos e sentimos os efeitos positivos de termos nos mantido próximos, mesmo à distância. Novas demandas também surgiram, fermentadas pelas dificuldades diversas que o período recente trouxe. Vislumbramos também outras frentes de ação, ligadas tanto à compreensão de saúde comunitária através de figuras importantes de cuidado naquele espaço, quanto à dimensão do patrimônio material e imaterial na construção da identidade comunitária.

O presente trabalho é um relato de experiências, um fragmento de investidas e buscas recentes desenvolvidas no processo de extensão universitária, envolvendo, por um lado, o tema da saúde comunitária e, por outro, o patrimônio imaterial e o trabalho comum. A partir da apresentação e discussão dessas temáticas, será proposta uma síntese reflexiva das discussões, mediadas pela categoria psicossocial enraizamento e pelas relações comunitárias em torno da Mina D'água Nossa Senhora do Livramento. Ao compartilhar algumas reflexões sobre essa vertente, abordaremos a saúde, o trabalho e os patrimônios materiais e imateriais que se estabelecem no território, a partir do entendimento de cuidado, enraizamento e pertencimento que constituem os modos de vida e a dimensão subjetiva da comunidade.

## **2 A SAÚDE COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE RURAL DE SARANDIRA**

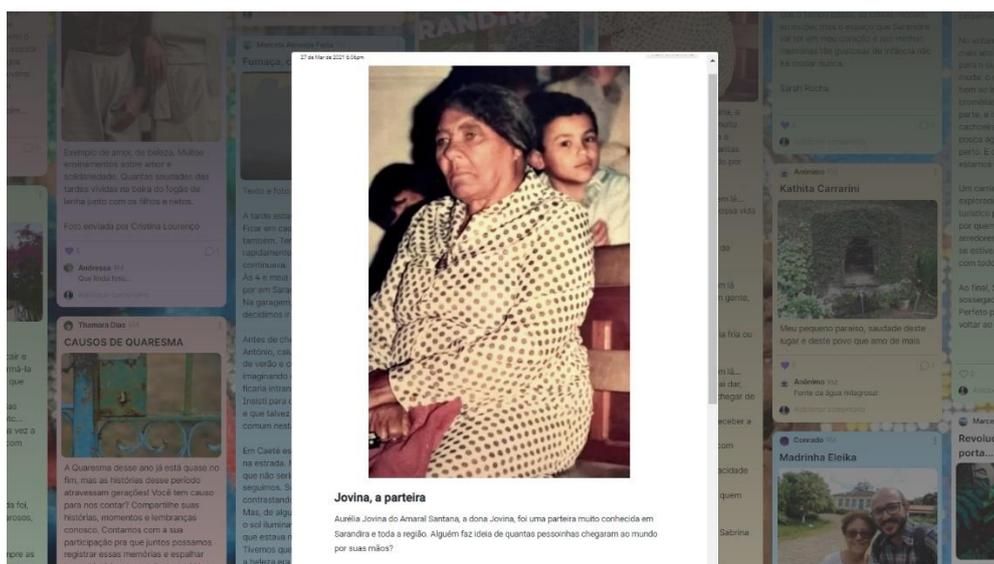
De acordo com Saforcada (2008), o diferencial da saúde comunitária está no fato de ter sua origem a partir das comunidades, sobretudo das excluídas e marginalizadas. O autor defende ainda a necessidade da psicologia desenvolver suas práticas com a orientação mais preventiva possível dentro das comunidades, promovendo-a, principalmente, com a participação de seus membros. Portanto, o vínculo, a territorialização, a integralidade e a amplitude do olhar, são princípios importantes que precisam estar posicionados no centro da atuação da psicologia implicada com a saúde nas comunidades.

Dessa maneira, ao recuperar as mais diversas histórias no povoado de Sarandira, desde as práticas populares em saúde das pessoas que fizeram do distrito seu lar, bem como do cotidiano de profissionais de saúde que atuam no local, o projeto Sarandirando participa enquanto ferramenta potencializadora para a recuperação da memória histórica a partir de encontros, diálogos e documentos. Com o início desse resgate, muitas movimentações subjetivas acontecem e emergem, fortalecendo, assim, o senso de pertencimento à comunidade e o próprio desenvolvimento da saúde comunitária. Isso porque, de acordo com Saforcada (2008), as relações que são possibilitadas pela vivência em comunidade, além do cuidado com a natureza e com os afetos, provocam reflexos na vida cotidiana e apresentam resultados que constituem a dimensão de saúde dos sujeitos.

As concepções de saúde e formas de cuidado, como práticas e saberes transmitidos e reconstruídos através das gerações, merecem destaque nas vivências comunitárias. Tais conhecimentos são constantemente relegados ao esquecimento e arrebatados pela lógica neoliberal, advinda do modo de produção capitalista. Considerar a dimensão histórica das concepções de saúde e cuidado implica no entendimento de saúde enquanto pertencimento, territorialidade e identidade, já que, segundo Ciampa (1987, p.90), “[...] o indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa”. Dessa maneira, muitas práticas de cuidado que são realizadas na e pela comunidade podem ser consideradas importantes não só para a promoção das próprias condições de saúde, mas também para fortalecer o vínculo entre as pessoas, e possibilitar o enraizamento e pertencimento.

Dialogando com a perspectiva da saúde comunitária e recuperação da memória, recebemos no Mural de Memórias Afetivas de Sarandira, relatos sobre a

vida de uma das mulheres que se destacou na história dos cuidados populares em saúde e foi uma parteira muito famosa na região: Aurélia Jovina do Amaral Santana, a dona Jovina. Da evocação da figura de Dona Jovina na comunidade surge a possibilidade de um encontro com um espelho enterrado. De acordo com Gonçalves (2019), tais espelhos são representações da invisibilidade social que a colonialidade causou em diversos aspectos culturais, afetivos e modos de vida de cada um e todos nós latino-americanos. Desenterrá-los, portanto, é reconhecer e legitimar elementos das nossas matrizes histórico-culturais que constituem nossa subjetividade e identidade.



Fonte: publicação no Mural de Memórias Afetivas de Sarandira

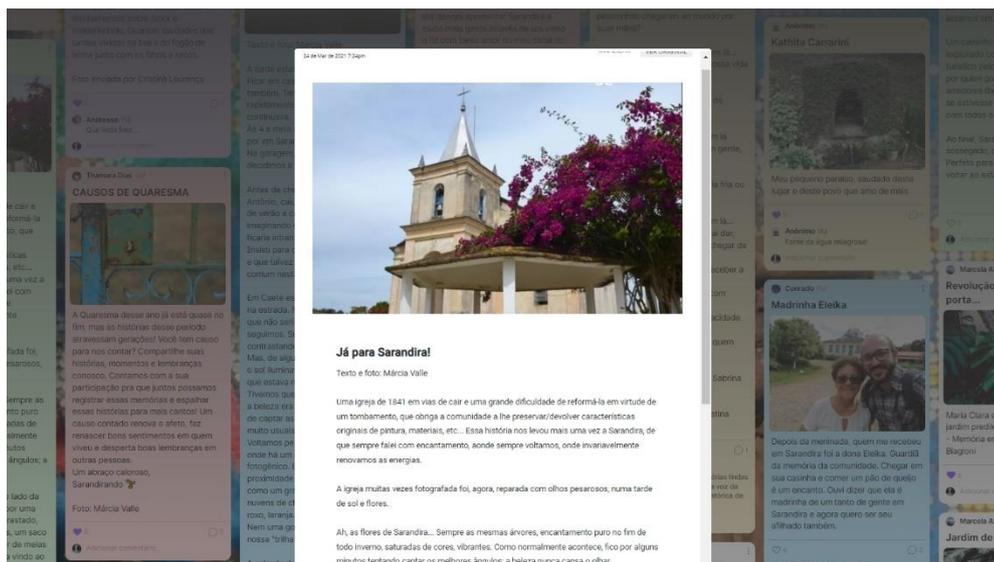
Dessa forma, facilitar a recuperação da memória de Jovina, suas práticas tradicionais de saúde em torno do nascimento, faz parte do resgate da história de um povo esquecido. Importante destacar nesse aspecto o apagamento de tais práticas tendo em visto a predominância do modelo biomédico na sociedade contemporânea. Por isso, torna-se necessário o entendimento de saúde enquanto construção política, resistência ao sistema. Como pontuou Martín-Baró (2011), à Psicologia da Libertação cabe construir uma práxis que contribua e permita que sujeitos sejam os protagonistas de sua história e elabore ações transformadoras para uma sociedade latino-americana mais justa e mais humana. Além disso, compreender a Saúde Comunitária como um paradigma ou como um modelo alternativo ao biomédico significa considerá-la como política, cultural e necessariamente participativa (Juarez, 2015).

### **3 DO PATRIMÔNIO IMATERIAL AO ENRAIZAMENTO EM SARANDIRA**

A construção e fortalecimento de perspectivas comunitárias fortalece a prática comum, assim como o pertencimento e enraizamento das pessoas naquele espaço. Fazer este que resgata a memória e identidade a fim de suscitar perspectiva ativa, criativa e transformadora de sujeito (Silvia Lane, 1994) possibilitando então a construção de raízes na comunidade dando significado a continuidade de um processo histórico enquanto formação de cultura e senso de pertencimento na comunidade (MASSOLA; SVARTMAN, 2018).

Caminhando pelas ruas de terra batida do distrito de Sarandira fica nítida a necessidade de preservar a paisagem composta, desde construções que se erguem imponentes e que datam de mais de um par de séculos, como o casarão e a igreja, até as casas cercadas por bambu e erguidas sobre tijolos de adobe, um dos mais antigos materiais de construção do mundo. Entretanto, para além da necessidade de preservação da arquitetura de Sarandira, o que muito captura a atenção é a urgência de discutir, cuidar e fazer ecoar o patrimônio imaterial e repleto de afeto que circunscreve a história do distrito. Nessa perspectiva, Ferreira (2006) postula que, expandindo o termo para além sua origem jurídica, patrimônio diz respeito ao dever de resguardar do desaparecimento e do esquecimento algo do passado que se faz significativo no campo das identidades tanto para o presente como para o futuro.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio imaterial é constituído das referências simbólicas que tangem os processos e dinâmicas socioculturais de invenção, prática e transmissão das tradições fundamentais para a identidade de uma comunidade, cultura ou grupo (VIANNA, 2016). Portanto, para o IPHAN, a patrimonialização da cultura de comunidades como a do distrito de Sarandira é um dever primordial que visa assegurar a transmissão de geração em geração dos conhecimentos que são (re)criados pela comunidade na interação com a natureza, seu ambiente e história.



Fonte: publicação no Mural de Memórias Afetivas de Sarandira

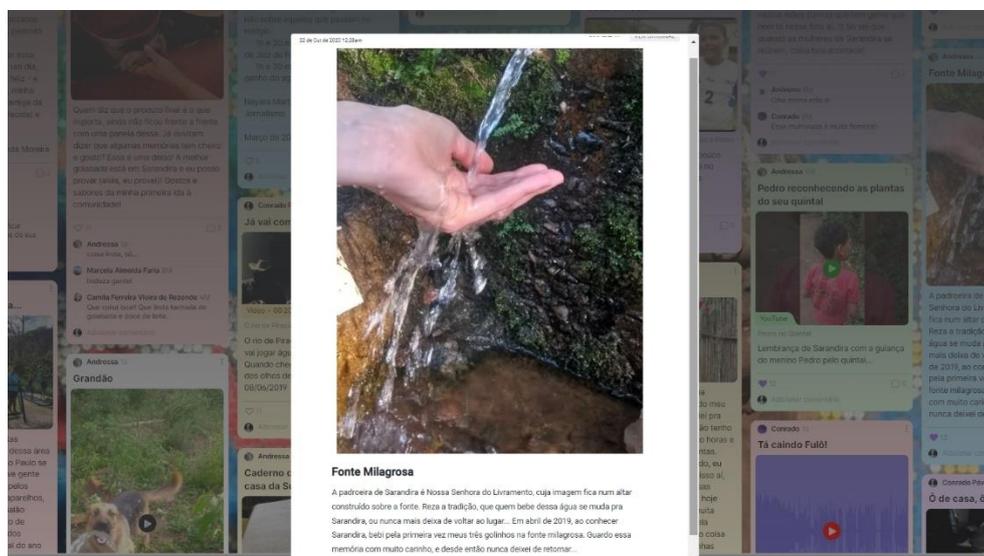
Dessa forma, a intimidade contínua entre a terra e o povo que nela habita e a passagem das histórias, mitos, causos e lendas se torna essencial para a promoção do sentimento de pertencimento e continuidade da comunidade.

Assim, especula-se neste trabalho sobre as tessituras simbólicas e mesmo concretas que giram em torno de Sarandira, sua comunidade e território. Para isso, parte-se da compreensão de que é necessário que os bens imateriais de um patrimônio intangível sejam reconhecidos, valorizados e eleitos pela própria comunidade a partir das relações sociais e simbólicas que a partir dele são tecidas (FERREIRA, 2006).

Nesse sentido, é inegável na paisagem do distrito o papel da mina d'água de Nossa Senhora do Livramento, assim como as narrativas sobre os muitos milagres a ela atribuídos, desde os cotidianos aos extraordinários. Nessa perspectiva, a mina ultrapassa a compreensão da água apenas como recurso natural, atingindo os aspectos psicossociais e comunitários do território. A mina está intimamente atrelada à historicidade, memória e identidade de Sarandira dentro da dinâmica entre passado e presente como produtora de futuro (BOSI, 1994). Conhecida também como fonte da água milagrosa, ela traz à tona a construção da memória histórica, dos ritos religiosos e das práticas e saberes populares.

Para Costa e Castro (2008) o que ancora o bem imaterial patrimonializado são os mitos, causos, contos, cantigas, lendas que, ao serem passados de boca em boca, de geração em geração, se materializam em registros dos acontecimentos vividos e rememorados pela comunidade. Logo, a potência se encontra na memória coletiva e

na inscrição que os eventos e locais fazem no grupo e são perpetuados, se materializando cada vez que algum passante se achega em Sarandira com os ouvidos atentos aos milagres da mina e, fiel e esperançosamente, se prostra diante dela para beber<sup>6</sup> de suas águas.



Fonte: Publicação no Mural de Memórias Afetivas de Sarandira

Bosi (2003) argumenta que, em relação à memória, o movimento de sua recuperação pode estar vinculado à necessidade de enraizamento, visto que é a partir da vinculação com o passado e a história das raízes que é extraído força para a construção e fortalecimento da identidade. Em consonância com a ideia apresentada pela autora, Massola e Svartman (2018) apontam que o enraizamento enfatiza a importância do passado na constituição tanto da identidade pessoal quanto da identidade coletiva, implicando assim na articulação entre passado, presente e futuro para a (re)significação do indivíduo e sua comunidade.

Enraizar-se pode expressar uma relação definida em comunhão com o espaço até mais do que com o tempo, mais com o pertencimento a um lugar do que com o passado, centrando-se assim na noção de lar, de fazer morada, de criar raízes (Massola e Svartman, 2018). Assim, os habitantes de Sarandira criam raízes em comunhão com o distrito e seus causos e lendas, formando sua identidade a partir do território que se vinculam e chamam de lar.

---

<sup>6</sup> Reza a lenda que quem, diante da água corrente da mina, bebe três golinhos e faz uma prece à Nossa Senhora do Livramento, tem a sua graça alcançada. Nós, do grupo de estágio e extensão de psicologia comunitária, ressignificando esta experiência, costumamos fazer deste ato um rito de passagem para acolher novos estudantes de psicologia e marcar o início dos trabalhos.

O enraizamento tem profunda relação com o passado que orienta nosso presente, formando nossa identidade. Nesse sentido, a identidade, quando posta em análise deve estar relacionada a aspectos temporais e espaciais. Como desafio para uma práxis que pretende resgatar a memória histórica, precisamos investigar a materialidade do passado e seus reflexos na sustentação do presente. Portanto, ao que se diz sobre enraizamento não refere-se apenas ao passado, mas a forma em que o sujeito se coloca no mundo a partir de sua história e de seus planos futuros (MASSOLA; SVARTMAN, 2018).

Estariam por enraizar-se, portanto, nos encantos que misteriosamente circundam a descida da mina d'água que espreita no fim da clareira chamada de campo, onde os adultos se divertem nos torneios leiteiros e as crianças jogam futebol. Enraízam-se também entre os portões que cercam a igreja e a paróquia de Nossa Senhora do Livramento onde tantos casamentos, batizados, festas, missas de celebrações e missas de despedidas ocorreram, na Escola Municipal Víctor Belfort Arantes, onde as crianças aprendem, crescem e futuramente ensinam. E, assim, de lugar em lugar, geração em geração, caso em caso, memória em memória, a identidade de Sarandira e os moradores que ali se enraizaram vão se solidificando entre o marrom avermelhado do chão de terra batida e o verde da vegetação que cerca as casas, colinas e montanhas.

A mina d'água se constitui como um patrimônio material e imaterial de Sarandira, um espaço comum de encontros, de identificação, de histórias passadas, presentes e futuras daqueles que se posicionam ativamente sobre esse território, mantendo e transformando-o como forma de apropriar-se do ambiente. Para Harris (1980 apud MASSOLA; SVARTMAN 2018, p. 301) o ambiente se constitui pela incorporação de significados constituídos socialmente com reconstruções do mundo físico a partir de códigos culturais. É neste processo de produção simbólica sobre o espaço que se dá, portanto, o enraizamento, ou seja, "(...) a relação intrínseca entre a formação da identidade psicossocial e o socioambiente (...)" (MASSOLA; SVARTMAN, 2018, p. 303).

#### **4 A MINA ENQUANTO ESPAÇO COMUM DE TRABALHO**

De seus primórdios à contemporaneidade, a humanidade se dispôs da natureza para sobrevivência, produção e reprodução da vida, por meio do trabalho. Por maiores que tenham sido as transformações no processo de trabalho, este dá

independentemente do tipo de organização social. O ser humano, “ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (Marx, 1983, p.149). As significações e representações em torno da natureza e do trabalho, todavia, variam segundo as particularidades culturais, ambientais e econômicas de cada sociedade, resultando, portanto, de diferentes formas histórico-concretas de relação das coletividades humanas com o metabolismo natural. Tais relações sustentam não apenas formas de subsistência, reprodução, manutenção e desenvolvimento das sociedades, como também uma gama de possibilidades de constituição identitária aos seres humanos de cada lugar e tempo histórico. Assim, é imprescindível pensar o trabalho enquanto mediador das relações entre seres humanos e natureza.

Neste tópico, tentaremos tecer algumas reflexões iniciais no sentido de compreender a mina de Nossa senhora do Livramento como um espaço comunitário que, para além de patrimônio material e imaterial e de suas relações com a saúde comunitária, foi também um espaço comum de trabalho. Adicionaremos a esta tentativa de traçar um esboço das intersecções entre mina d'água e o trabalho, reflexões sobre algumas memórias de velhas senhoras narradas nos diversos momentos de diálogo com a equipe do projeto de extensão. O enfoque da memória narrada pode surtir o efeito de recolorir as lacunas da história, à medida que nos oferece pistas e detalhes singulares do passar do tempo que integraram um cotidiano vivido pelas contadoras.

Dentre as memórias de trabalho dessas senhoras, a mina d'água aparece como aquilo que, em meados do século passado, foi um lugar prioritariamente de trabalho. Há várias décadas, era em torno dela que se reuniam muitas mulheres em conversa, enquanto lavavam a roupa. Ao passo que parte delas lavava apenas "pra dentro", outra o fazia também "pra fora", dando conta das roupas de famílias mais abastadas. Em meio a esses influxos que se revelam na memória comunitária, a mina passará a ser compreendida aqui também como lugar comum de trabalho. Afinal, para além de um espaço comum de uso comum, era naquele local que as mulheres imbuídas desse trabalho reprodutivo desempenhavam suas funções, aqui consideradas como laborais.

Coexistem nessa análise, portanto, os recortes de classe e gênero: a mina era um lugar de trabalho reprodutivo, executado por mulheres que não podiam pagar a outras para fazê-lo, ou seja, mulheres da classe trabalhadora. As áreas rurais também

são atravessadas pelas relações de poder que estruturam a sociedade e, as mulheres, muitas vezes protagonistas em suas comunidades, são apagadas dos espaços de produção, poder e decisão. As mulheres rurais são importantes contribuintes na manutenção da família no campo, nas atividades culturais/religiosas, na articulação das redes de sociabilidade comunitária e na transmissão dos saberes tradicionais.

Para além de gênero e classe, podemos nos propor a refletir e considerar alguns pontos a respeito das relações raciais no trabalho na mina, ainda que não tenhamos relatos que abordem diretamente o tema. Essa reflexão se faz necessária pois, em meados do século passado, Sarandira guardava fortíssimos resquícios da sociabilidade que marcou o período cafeeiro na região. O auge das lavouras cafeeiras foi sustentado pelo trabalho escravo e a abolição, ainda hoje considerada historicamente recente, não fez desaparecer as relações de exploração e opressão de raça que continuam se arrastando pelo presente. A sociabilidade da servidão, sobretudo no que se refere às mulheres negras, ainda ressoa nas formas de trabalho e nas relações de poder dentro da comunidade. Dessa forma, podemos considerar que se faziam presentes também nesse ambiente de trabalho, enquanto recorte de raça.

Em alguns relatos ouvidos nos encontros, visitas domiciliares e diversos espaços de diálogo construídos na comunidade, é possível divisar o surgimento de uma aura de nostalgia quando são recordados os momentos em torno da mina. Isso decorre do fato de que as águas da mina eram sustentáculo de encontros que estavam ligados à organização da vida e das relações em Sarandira, quando ali se reuniam essas mulheres. Era, portanto, local de convívio e trabalho, onde ocorria também a partilha de informações vitais à manutenção da coesão social na comunidade. Por meio da escuta atenta e da adição de uma perspectiva histórica das transformações recentes nas formas de trabalho, podemos apontar também para uma relação entre essa nostalgia e o movimento de deterioração dos espaços comuns de trabalho.

No campo, sobretudo a partir da década de 60, ocorreu uma massiva desarticulação de formas de trabalho caracterizadas pela parceria, a pequena produção e a utilização de terras comuns, sob o pano de fundo da revolução verde. Os trabalhadores do campo sofreram com uma inflexão brutal nas formas de produzir e reproduzir a vida, com a intensa mecanização, expulsão e negação de direitos conquistados. Como consequência, houve uma aguda migração para as periferias urbanas, o que acarretou profundas mudanças nas formas de trabalho. Se antes

estavam ligados à terra, passam então à prestação de serviços a terceiros. Essa é uma realidade que pode ser facilmente observada em Sarandira. Memórias de trabalho de idosas apontam que as terras onde se trabalhava e tirava alimento se converteram, no espaço da vida de algumas dessas senhoras, em terras "abandonadas". Tal realidade foi constatada no estudo de Foscarini Neto (2008) sobre as transformações da paisagem em Sarandira, em que foi apontado que as terras da região foram voltadas, ao longo do século XX mais à especulação fundiária que à produção agropecuária. Muitas dessas antigas fazendas eram, assim como a mina o foi, espaços de trabalho corroídos pelas modificações socioeconômicas que atingiram a região.

Este movimento histórico de expulsão e expropriação do trabalhador direto, aquele que consegue garantir sua subsistência por meio de recursos que lhe são próprios, tem se aprofundado sobre o campo de forma cada vez mais ostensiva. Dessa maneira, se expande a base social onde ocorre o encontro entre aqueles que necessitam vender sua força de trabalho e aqueles que podem comprá-la para compor a cadeia produtiva (Marx, 1983). Este longo movimento se encontra diluído nas narrativas, podendo ser percebido à medida que são abordados, sobretudo pelos moradores mais idosos e, com algum saudosismo, tempos nos quais não era tão imperativo sair dali para conseguir um emprego "no asfalto"<sup>7</sup>.

Como uma forma de incidência mais local e específica desse movimento, podemos notar a precarização neoliberal do trabalho na América Latina como um todo. Sobretudo desde a década de 70, a onda segue estimulando modos de trabalho cada vez mais informais, autônomos e individualizados, ligados a projetos pessoais de autorrealização e à ideia do merecimento. Segundo Stecher (2020), são nos espaços de trabalho que os sujeitos constroem um particular sentido de si e dos outros, sendo constituídos e constituindo-se como sujeitos laborais de um certo tipo, e, porque não dizê-lo, de um certo tempo. Nessa perspectiva, à medida que se extinguem locais comuns de trabalho, se fragilizam relações que refletiam o pertencimento a uma identidade laboral.

Além do trabalho, também eram compartilhados ali dilemas comuns que, em detrimento de serem imediatamente atribuídos a deméritos individuais, pertenciam e encontravam eco em outros integrantes do grupo, já que podiam ser facilmente

---

<sup>7</sup> "No asfalto", é a forma como quem mora na vila de Sarandira se refere à cidade de Juiz de Fora, tanto o centro como as periferias urbanas.

reconhecidos em seus companheiros de trabalho. Podemos nos perguntar, portanto, se o corriqueiro sentimento de nostalgia não se dá em função da perda das relações específicas que se sustentavam a partir daquele espaço.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui nos limitamos a fazer breves apontamentos, que surgem ao percorrermos o abundante leito de reflexões que flui da mina. As práticas de saúde no cotidiano da comunidade de Sarandira, em uma perspectiva ampliada, incorporam a saúde tanto como um cuidado do corpo orgânico, tendo o consumo da água límpida e de hortaliças produzidas de forma natural como fator de prevenção de doenças e manutenção da saúde, quanto um cuidado da subjetividade coletiva, que, através da promoção do cuidado com um bem comum, fortalece os vínculos comunitários. A mina se constitui como espaço de sociabilidade, e assim, se torna expressão viva do cuidado com as relações, significações e sentidos dos fenômenos psicossociais. Promove, portanto, o enraizamento que conduz ao orgulho de pertencer à comunidade e fazer dela o espaço comum de fruição da vida. A poética simples da canção Fazenda, composição de Nelson Ângelo e maravilhosamente interpretada por Milton Nascimento, traduz a potência dos afetos presente no simples ato de se ajuntar ao redor da água da Mina de Sarandira: *Água de beber / Bica no quintal / Sede de viver tudo...*

Todas essas camadas e discussões propostas clamam por maior aprofundamento, que vai se construindo como um processo a partir de nossa atuação na comunidade. Diversas são as possibilidades de caminhos a serem percorridos e, a partir da nossa experiência, as intervenções psicossociais relacionadas à memória e às práticas populares de cuidado em saúde se apresentam como muito promissoras para o desenvolvimento do trabalho.

## REFERÊNCIAS

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social**. 11ª ed. São Paulo, SP. Brasiliense, 2009.

FERREIRA, M. L. M. Patrimônio: Discutindo alguns conceitos. **Diálogos**, v. 10, n.3, p. 79 - 88, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38967>. Acesso em: 14 nov. 2021.

FOSCARINI NETO, P. **O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. 200p.

GONÇALVES, B. S. **Nos caminhos da dupla consciência**: América Latina, psicologia e descolonização. São Paulo: Ed. do Autor, 2019.

JUAREZ, M. P. Dimensiones de la salud comunitaria que consideran pediatras del Primer Nivel de Atención: reflexiones y desafíos. **Psicología em pesquisa**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 50-61, jun. 2015.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. *In*: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13 edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 10-19.

MARTÍN-BARÓ, I. Para uma psicologia da libertação (Trad. Fernando Lacerda Jr.). *In*: Raquel. S. L. Guzzo., & Fernando Lacerda Jr. (orgs.), **Psicologia social para América Latina**: O resgate da psicologia da libertação. Campinas: Alínea, 2011. p. 189-197.

MASSOLA, G. M; SVARTMAN, B. P. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n.3, p. 293 - 305, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-294X2018000300009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2018000300009). Acesso em: 14 nov. 2021.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Abril, Cultural, 1983. v.I.

OLIVEIRA, C.P. et al. Sarandirando: expandindo os horizontes da psicologia comunitária em contextos rurais em tempos pandêmicos. *Analecta*, v. 6, n.3, 2020.

SARFOCADA, E. El concepto de salud comunitaria ¿Denomina solo un escenario de trabajo o también una nueva estrategia de acción en salud pública?. **Psicologia em pesquisa**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 03-13, dez. 2008.

SARRIEA, J. C. (2010). Análise de necessidades de um grupo ou comunidade: avaliação como processo. *in* SARRIERA, J.C.; SAFORCADA, E.T. (Org.). **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina.

STECHEER, A. Identidades laborales en América Latina: estructuras, interacciones y narrativas. *In*: PALERMO, H. N.; CAPOGROSSI, M. L. **Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLACSO; CEIL; CONICET; Córdoba; Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS, 2020. p.1483-1538

VIANNA, L. C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, A. (orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbetes). ISBN 978-85-7334-299-4.